

# VIMARANENSE

PUBLICA-SE AS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

## Preço da assignatura

Por anno sem estampilha.....	12600 reis
Por semestre sem estampilha...	900 "
Anno com estampilha.....	25000 "
Extranjero (por anno).....	65000 "
Numero avulso.....	40 "

Editor e Proprietario-Germano Augusto dos Santos Guimarães

Redacção e administração rua das Lamellas, n.º 45, 47 e 49

## Annuncios e comunicados

Por cada linha.....	40 reis
Repetições, cada linha.....	20 "
A assignatura é paga adiantada.	
Os escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados não se restituem.	

GUIMARÃES, 8 DE JULHO DE 1897

## APRECIEMOS

No omnioso regabofe que ha pouco usufruiram os regeneradores, encontrava-se a administração publica n'um lastimoso estado.

As leis n'um verdadeiro cahos; mas, para augmentar a confusão, não se observavam as suas emaranhadas e extraordinarias disposições.

Imperava o arbitrio e a prepotencia.

A agricultura perseguida com augmento d'impostos em nome da salvação publica e os seus mais vitaes interesses, taes como os tratados de commercio e outros, descurados completamente em proveito d'outras nacionalidades que melhor sabem zelar os seus interesses.

As industrias entregues exclusivamente aos titanicos esforços dos industriaes.

Os negocios ultramarinos entregues a commis-

sarios regios pouco escrupulosos e com carta branca e poderes absolutos, podendo supprimir jornaes, por livre arbitrio, como succedeu em Angola, com a mesma facilidade com que, senhores de barão e cutello, «supprimiam a vida» a individuos muitas vezes innocentes, como succedeu na India.

Ninguem se podia julgar seguro em sua casa, porque o juiz Veiga estava armado de poderes extraordinarios para encerrar um qualquer cidadão, sem culpa formada, nas enxovias mais infectas.

A imprensa sugeita aos maiores vexames, taes como a censura prévia e a entrada dos janizaros nas typographias para empastellarem os artigos já compostos e que elles, na sua boçal comprehensão, entendiam que não deviam ser publicados.

Os empreiteiros e fornecedores do Estado caloteados.

Os pequenos empregados publicos cerceados nos seus minguados ordenados

e recebendo-os com atrazo.

Os cofres vazios, gastando-se já por conta de receitas pertencentes a annos futuros.

Os cambios cada vez a peor.

O Estado sem credito e velipendiado no estrangeiro! E não se levantou o paiz em pezo, não se levantaram as pedras das calçadas contra esta administração provocadora e perdularia!!!

Subiram os progressistas e, encontrando o paiz n'este bello estado e a braços com a «banca-rotta», cuidaram com afincio de resolver com moderação e prudencia os intrincados problemas legados pelos seus antecessores.

Como tinham na opposição promettido não fazer dictadura, não a fizeram; mas, pelos meios ao seu alcance, apressaram-se a remediar o que era possível. E assim restringiram as attribuições descripcionistas ao juiz Veiga.

Decretaram a amnistia por crimes de abuso de li-

berdade de imprensa, de que se aproveitaram alguns jornalistas republicanos que agora são dos mais intransigentes e encarnaçados inimigos do governo!

Proveram na cadeira a que tinha direito um lente que os regeneradores tinham votado ao ostracismo, simplesmente por professar ideias republicanas!

Restauraram as associações commerciaes.

Deram trabalho a milhares de operarios a quem os regeneradores, ao largar o poder, despediram das obras em que andavam, diz-se, que com o fim de deixar aos progressistas mais essa dificuldade para resolver.

Minoraram por um decreto o rigor da lei de imprensa.

Reduziram as despesas publicas.

Publicaram ainda varios decretos sobre creditos, sobre auctorisação de despesas, sobre os serviços do sello, etc., etc.

Pagaram centenas de contos de reis de calotes deixados pelos regenera-

dores a fornecedores do Estado e a empreiteiros. E, querendo honrar o credito do paiz e salvar-nos d'uma banca-rotta eminente, viram-se coagidos a contrahir um emprestimo.

(Conclue).

## EPHEMERIDES

(DIARIO VIMARANENSE)

JUNHO

30

1824—Nesta dia, o commandante do regimento 13, Antonio José Soares Borges, estacionado em Guimarães, recebe ordem para fazer remover para differentes terras o major D. João, o tenente Victorino e o ajudante Guedes Quinhones.

1847—Em consequencia de o parcho da freguezia de S. Sebastião João Bento, não consentir que sahisse a procissão do Santissimo que neste dia devia sair da mesma igreja, houve junto d'ella uma grande desordem, que difficilmente pôde ser apaziguada. O parcho oppunha-se a que a procissão sahisse, sem que se pagasse aos padres, e o thesoureiro não lhes queria pagar. O povo amotinou-se, dando morras ao parcho, que foi esperado á porta da igreja por um marchante, armado com uma grande faca. Accodiu uma força de voluntarios patuleias, e com ella o juiz de Direito e o

## FOLHETIM

### AS CALDAS DE VIZELLA

(CONCLUSÃO)

Dr. Abilio da Costa Torres

Como polemista e escriptor publico tem affirmado variadissimas vezes e em jornaes de diferente caracter a sua poderosa individualidade.

Para com os pobres é um exemplar modelo de caridade, uma alma grande; dá-lhes consultas, cura-os e do seu bolso particular auxilia-os na compra de remedios, mandando tambem distribuir-lhes esmolas e protegendo-os sem hesitação em todas as occasiões.

Não podemos, nem temos tempo para mais largamente descrever os maiores traços

d'esse elevado caracter; o que deixamos é pouco, mas chega para attestarmos o seu merecimento intellectual e moral.

Vizella, a risonha e mais atrahente estação thermal que possuímos, tudo lhe deve, e quando um dia falte, restarão as suas obras para o elevar no conceito dos vindouros.

Que sua ex.<sup>a</sup> tenha saude para proseguir na difficil e ardua tarefa que a sua boa sorte lhe impoz é o nosso verdadeiro anhel e de todos os portuguezes que, perto ou longe, amam o bem da sua patria.

### Hotéis

Já descrevemos no artigo referente ás Caldas de Vizella, que o forasteiro encontra alli bons hotéis e bastantes onde escolher.

São os principaes: Hotel Cruzeiro do Sul, Hotel Vizellense ou antigo do Padre, Hotel Vizella, Hotel Universal, etc.

Todos se esmeram em bem servir os seus hospedes, que a seu turno procuram aquelle que lhes está mais a gosto. Ha para todos os preços, a principiar em 15000 reis diarios, podendo dizer-se afoitamente que os mais meliculosos se julgam satisfeitos. Estão na sua maior parte installados na rua Abilio Torres, principal arteria da povoação.

O Hotel Cruzeiro do Sul, desviado um pouco da rua, está situado n'um amplo terreno circundado de arvores e parreiras que o tornam muito pittoresco e aprazível e onde em amavel palestra se recreiam os seus hospedes depois das horas do almoço e jantar.

E' muito procurado pela colonia ingleza e allemã, mesmo fóra da epocha thermal.

O Hotel Vizellense, situado na mesma rua, toma dois angulos d'um quadrilatero que lhe fica fronteiro, formando um ensombrado terreiro onde

os seus hospedes se juntam em amavel convivio.

Os hotéis Vizella e Universal estão situados na mesma rua.

Ordinariamente os hospedes d'este hotel não se juntam com os d'aquelle — formando cada um de per si grupos differentes para os seus passeios em barcos no rio — ou *gericadas* aos pontos mais pittorescos da povoação — ou em alegre *pic-nic* á Cascaheira, Ilha dos Amores, fabrica do papel, etc. Não quer isto dizer que os conhecimentos antigos esfriem, só porque este não procurou o mesmo hotel em que aquelle está alojado. E' uma questão de occasião local, bem entendido com bastantes excepções.

O açude é construido de solida cantaria e pertence á Companhia dos Banhos de Vizella, que o mandou construir a montante dos seus estabelecimentos e parque.

As aguas alli repressadas dão movimento a uma turbina que com ellas alimenta um grande deposito superior ao parque, e d'alli descem para irrigação do mesmo parque e serviço do estabelecimento thermal. Não produz só este beneficio o bem construido açude. Alimenta tambem o grande lago do parque, e regularisa a elevação das aguas do rio na parte que lhe fica superior, de forma a poderem dar-se passeios de alguns kilometros em barcos até á Ilha dos Amores, logar dos mais encantadores das Caldas.

O edificio da fabrica de papel, e a entrada da Ponte Velha, prendem tambem a attenção do visitante.

L. B.

visconde de Azenha, o conseguiriam salvar o parcho e dispersar o povo.

21

1693—A varonil Catharina das Chagas, instituidora do convento das capuchinhas, em Guimarães, tendo ido a Roma, disfarçada em trajos d'homem para evitar os perigos da jornada, consegue, ao cabo de trez annos, protegida por cartas de el-rei D. Pedro e dos duques de Cadaval, a aprovação do pontífice Innocencio XII para o Instituto e Regra primeira de Santa Clara.

1828—Entra em Guimarães o capitão do Roboto, á frente de alguns milicianos e paizanos armados, e, dirigindo-se ao Tournal, ahí dá vivas a D. Pedro IV, a D. Maria II e á carta constitucional.

22

1847—Em consequencia de ter chegado a noticia de que uma divisão hespanhola, de 6300 homens, do commando do general Concha, havia chegado a Amarante, retira de Guimarães toda a força que ahí se achava, da Junta do Porto.

1877—Sae de Guimarães, para Vianna do Castello, a 1.ª ala do regimento n.º 3 de infantaria, a reunir-se á 2.ª. Já sob o commando do coronel João Luiz de Oliveira, que veio a fallecer em Lisboa em 4 de outubro de 1895, sendo general de divisão, reformado.

23

1608—Por sentença d'esta data proferida pelo juiz de fóra, o licenciado João Rodrigues da Costa, é confirmado o privilegio que D. João I concedera a Guimarães, depois da tomada da Ceuta, de as praças e açougues da mesma villa serem varridas por dous vereadores de Barcellos, vindo estes com um barrete vermelho na cabeça, banda ao hombro, da mesma cor, espada á cinta, um pé calçado outro descalço, tolas as vespéras de festa da camara. Deu causa a esta sentença o pleito travado entre os vereadores de Guimarães e Manuel Gonçalves e Sebastião Gonçalves, lavradores e moradores na freguezia de S. Miguel da Cunha, por estes se opporem a cumprir tão utilhante obrigação, a qual lhes cabia por giro. O motivo, que pretaxara este privilegio, foi que, tendo D. João I dividido as estancias da muralha de Ceuta pelos moradores das cidades e villas que o acompanharam a essa empresa, e ficando a gente de Guimarães e Barcellos em estancias seguidas, onde o combate era mais cruel e renhido, aconteceu que os de Barcellos desampararam o seu posto, ao passo que os de Guimarães, dividindo-se em dous terços, occuparam com um d'elles a estancia abandonada, defendendo-a até á victoria, com inexcedivel coragem.

1841—Chega a Guimarães o arcebispo eleito de Braga, D. Pedro Paulo, indo hospedar-se em casa do seu parente, João de Mello Sampaio. Logo que chegou, dirigiu-se á Collegiada, onde foi recebido com as honras devidas á sua pessoa e cathogoria.

24

1726—E' d'esta data o interdicto que o arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, poz ás freiras do convento do Carino, de Guimarães, por ellas haverem tomado veno prato, independentemente e contra vontade d'elle arcebispo.

1844—Tava principio n'esta dia a fundação do aylo dos invalidos, no largo de S. Paio, n'umas casas para esse fim doadas pelo

piedoso cidadão José Joaquim da Silva e sua mulher.

25

1823—Professaram os seus habitos na igreja da Collegiada Francisco José Gonçalves d'Oliveira e seu filho Bento Antonio d'Oliveira Cardoso, o primeiro o habitado da Ordem de Christo, e o segundo o da de S. Tiago.

1837—Chega a demissão do arcebispo José Joaquim d'Abreu, depois de elle a haver pedido por varias vezes ao vigario capitular.

«Em todo o tempo que serviu este cargo, diz um manuscripto que temos á vista, desempenhou-o com toda a dignidade e honradez, não obstante os emolumentos serem diminutos e o seu beneficio lhe não render quasi nada, o que o não impediu de dar sempre grande expediente ao serviço. Foi substituido pelo prior de S. Paio, o rev. Manuel Moreira, que não aceitou, assim como outros que depois d'estes foram nomeados.»

## DEFEZA

Publicamos em seguida a carta, em que o talentoso jurista consulto, e digno gerente do Banco Commercial de Guimarães, defende esta instituição dos ataques insidiosos do «Commercio»

Publicando-a, acrescentaremos que para Defeza do Banco Commercial de Guimarães bastará dizer—paga honradamente, e tem pago; para defeza do illustre gerente, bastará lembrar: occupa posição social eminente devida á sua probidade, á sua intelligencia culta, e ao seu trabalho assiduo.

Eis a carta:

... Sr. redactor:

Braga, 8 de julho.

Como prometti no ultimo numero do seu «Vimaranense» não posso deixar passar sem commentario a local «Dois espectros», do «Commercio de Guimarães», de 5 do corrente. Creio ser ocioso demonstrar que essa local, na parte em que insidiosamente se refere ao «Banco Commercial de Guimarães», de que tenho a honra de ser um dos directores, me visa particularmente a mim e creio mesmo que assim foi intendido pela maior parte dos seus leitores.

A local refere-se a outra do mesmo titulo, do seu «Vimaranense», e parece que foi esta que especialmente ardeu ao auctor da do «Commercio».

Ora eu preciso de dizer que bem a meu pezar, e por absoluta carencia de tempo, ha muitos mezes que sou completamente extranho ao que se tem escripto no «Vimaranense», do que aliás v. . . pode dar testemunho.

Reservo lá o meu estadalho e uma vassoura, para sacudir os cães das pernas, mas infelizmente—ha muito que não tenho podido usar d'esses instrumentos de defeza e limpeza. Sendo assim a aggressão, alem de insidiosa, é injusta.

Agora me recordo porem que eu ainda não disse porque a referencia é insidiosa. E' simples o motivo:—eu nunca me recusei, nem recuso, nem recusarei a dar contas dos actos da minha vida publica a quem quer que seja que as deseje, ainda mesmo quando esse desejo se manifesta em termos como os que usa o localista do «Commercio de Guimarães». Apenas destingo quanto á forma: se são exigidas em termos convenientes, como é de uso entre cavalheiros, respondo em termos regulares e delicados; se me abandonam esta norma, uso do instrumentos que acima refiri ora de mim, ora de outro, á vezes de ambos, consoante as necessidades.

A aggressão portanto devia vir clara e directa, de forma que no espirito dos seus leitores não ficasse duvida no intuito.

Ha mais porem.

Alem de injusta e insidiosa, a referencia é diffamatoria: visa a desacreditar um estabelecimento commercial, de credito, que tem conseguido e conseguirá salvar-se na crise á custa do seu esforço e apesar da má vontade de muitos. E' escusado demonstrar quanto isto é irregular e até criminoso. Fiquemos agora por aqui. E alem de tudo o mais a referencia diffamatoria tem todos os laivos para ser obra de um falsario consciente e que determinam a presumpção de que o seja.

Cá não ha telhados de vidro, senhores, cá não ha podridões.

No «Banco Commercial de Guimarães» não se faz nem nunca se fez politica, a politica que os senhores sabem fazer.

Dentro das portas do «Banco Commercial de Guimarães» todos cumprem o seu dever: administra-se como se pode e como se sabe, mas procura-se sempre administrar, dentro das normas da absoluta correção, com o maior interesse e com a maxima segurança para o Banco, sem distincção da cor dos nossos clientes.

Eu vou agora explicar, senhor redactor, qual o motivo porque sendo esta carta dirigida directamente a v. . . e aos seus leitores habituaes, me dirigi a outros, que não são de certo os leitores do costume.

Ha muito tempo que aos directores do «Banco Commercial de Guimarães» não passam despercebidos certos maneios de má vontade, im-

potente mas mal disfarçada, contra este estabelecimento de credito. A origem d'esta má vontade daria margem a um bello estudo psychologico, que talvez algum dia, com mais vagar, terei occasião de fazer.

Ella tem-se manifestado por diferentes formas, já em pequennas calumnias, já attribuindo-me a mim opiniões e ordens que eu nunca tive nem dei, já finalmente em diferentes corridas ao Banco, de que, felizmente, sempre tem havido aviso de algum amigo intimo, e a conveniente prevenção.

A local do «Commercio de Guimarães» na parte referente ao «Banco Commercial de Guimarães», não é, supponho, extranha a taes maneios, e por isso não passa de uma miseravel garotada.

Peço perdão ao sr. redactor e aos seus leitores: confesso que me excedi.

E, como esta começa a ser extensa e eu não desejo cansar, continuarei, se me der licença, no proximo numero, demonstrando a correção dos actos da «dircção do Banco Commercial de Guimarães».

Demonstrarei mais que o «Banco Commercial de Guimarães», não só paga, como sempre tem pago por inteiro e completo, aos seus credores, mas salva, como tem salvo, uma grande parte do seu capital accionista, talvez mais do que está calculado na ultima valoriação, e está naturalmente destinado a prestar ao commercio e industria de Guimarães o concurso e auxilio que diferentes entidades lhes negam, por motivos complexos.

Esta ultima parte ficará para a *offensiva*, se eu lá chegar; por enquanto defendo-me.

Creia-me sempre de v. . . etc.

A. Marques da Silva Lopes.

## HARPEJOS POETICOS

### SONETILHO

—Onja vaes com tanta pressa  
Tão bonita e festiva  
Lanço novo na cabeça...  
De rendilhado avental?

—Deixe-me então não me impeçal  
—Não sejas brava... afinal  
Só quero um beijo.—Ora essa...  
—Quando não... fico de mal...

—Veja o que diz! que imprudencial  
Acha poucos os que ha dado?!  
—Um beijo só, vá, só um...

—Hoje não, tenha paciencia...  
A sexta-feira é peccado...  
Não vê que quebra o jejum?

Sebastião de Carvalho.

## DA NOSSA GARTEIRA

Acha-se entre nós o intelligente delegado da corôa e fa-

zenda em Benguella (Africa Occidental), o nosso estimado patricio sr. dr. Domingos de Souza Junior. S. exc.ª veio em posse de licença.

Boas vindas.

Está entre nós o sr. visconde do Paço de Nespereira (João).

Partiu para Mindello, freguezia do concelho de Villa do Conde, o nosso distincto collaborador sr. Antonio Francisco da Silva.

Esteve ha dias hospedado em casa do sr. visconde de Viamonte da Silveira, o intelligente violinista portuense sr. Eugenio Pastor

Vimos hoje n'esta cidade o sr. dr. João de Mello Sampaio, ex-administrador d'este concelho.

De Coimbra regressou a esta cidade o sr. Rodrigo Queiroz, illustrado alferes d'infanteria n.º 20.

E' esperado n'esta cidade, no proximo dia 10, o sr. general de brigada Luciano Pêgo d'Almeida Cibrão, acompanhado do seu ajudante de campo e d'um outro official pertencente á brigada que commanda.

S. exc.ª vem em serviço de fiscalização da disciplina militar das praças d'infanteria 20, e no de inspecção ao districto de recrutamento e reserva n.º 22.

A visitar sua familia partiu para Braga o sr. dr. Manoel de Jesus Pimenta, vice-reitor do Seminario Lyceu d'esta cidade.

De Coimbra regressou o sr. João de Barros Rodrigues, quartanista de medicina, a quem damos os parabens pela approvação que obteve n'este anno.

Afim de fazerem parte do jury d'exames, no lyceu do Porto, partem brevemente para aquella cidade os srs. José Maria Gomes e Antonio José Gomes Cardozo, conegos professores do nosso Seminario-Lyceu.

De passagem para Chaves, para onde foi transferido, passou por esta cidade, o sr. dr. Antonio Rodrigues, cirurgião de brigada.

Em gozo de ferias encontram-se entre nós os srs. Manoel Coelho da Motta Prego e José Bernardino d'Araujo Abreu, a quem felicitamos pela approvação dos exames que fizeram no lyceu d'Amarante.

### Proteste

Como o sr. Agostinho das Neves Guimarães faz publicar n'outro logar do nosso jornal uma carta sobre este incidente, julgamos não nos referir ao assumpto em virtude das informações que obtivemos condizerem com o contheudo n'aquella carta, para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

**De Licença**

Como o «Commercio» ennumera, a seu modo, serviços dos progressistas de Guimarães, ha de dar licença que organisemos a lista dos mais relevantes e prodigiosos devidos ao partido agrista:

- Desordens nocivas na gerencia de corporações.
- Fideliz jornalística.
- Entradas mal dirigidas e dispendiosas.
- Estylo sublime jornalístico.
- Fallencias.
- Portuguez de salias limpas.
- Lycen sem exames transitorios e...
- Varias outras cousas de prodigio, com e sem formigas...

**Correio**

Ao nosso assignante que hontem nos mandou uma carta temos a dizer-lhe que já fallamos com pessoa competente, a qual já deu as necessarias ordens para não se repetirem os factos que allude.

**Nossos amigos**

O «Commercio de Guimarães» no seu ultimo numero insero no «Boletim das Salas» nada menos de dez amigos.

**THEATRO GUIÑOL**

Temos presente o programma do espectáculo de inauguração que esta companhia ambulante desempenhará amanhã, às 8 e 3/4 da noite, n'um barracão que para esse fim construiu no largo do Campo da Feira, e que consta do seguinte:

Remendos — parodia aos Retalhos —, engraçadissima revista em 2 actos e 9 quadros, com bonitas musicas, côros, duetos, coplas, etc. —

—Bate certo minha Zefa! — Ai Junquina! — Apotheose a Moninho d'Albuquerque.

—As festas do czar da Russia em Paris — As cançonetes por Rodrigues de Freitas: O Bravo do Mandello e os Meus vizinhos — Uma graciosissima corrida de 6 bravissimos touros na praça do Campo Pequeno, de Lisboa.

Estamos certos que o nosso publico affluirá ali, porque — fallando francamente — por 160, 420, ou 60 reis toma-se um enchente de hilaridade.

Ao Guiñol!

**O «Vimaranense»**

Este periodico não é orgão official, nem officioso, de qualquer centro politico; e para affirmar que a ordem d'uma syndicancia não emana d'um centro, não é preciso grande esforço d'intelligencia. Quanto ao mais, se o «Commercio» gosta de puchar constantemente á corda do mesmo sino, continue, e regale-se.

Mas veja se varia um bocadinho, para salvar-se da monotonia.

**S. Torquato**

O rendimento das esmollas d'este milagroso Santo foi de reis

4:012,620 alem do agio de 36 libras e 2 moedas de 2:000 reis em ouro, e 130,450 grm. de cers, e muitas mortaihas. Mais 200,725 reis do que o anno anterior.

**Mysterios!**

5.<sup>a</sup> edição.

Quem seriam os «figuões» que a horas mortas sabiam da secretaria da Santa Casa da Misericordia, antes da syndicancia? Seriam almas do outro mundo?

**PROTESTO**

... Sr. redactor:

O «Commercio de Guimarães» no seu ultimo numero vem á carga replicando o meu protesto que v... se dignou publicar, tentando escurer ou embrulhar o caso da eleição da meza da Santa Casa da Misericordia, como é do seu costume. Não é uma questão de má interpretação nem tão pouco de saber ou não, ler; é um facto, uma realidade incontestavel como vou provar, já que o «Commercio», das suas informações a que procedeu nada apurou ou fingiu não querer apurar.

Tenho a firme certeza de que fui eleito, assim como tenho a certeza de que fui substituido pelo sr. Candido José Carvalho, aliás á altura, melhor do que eu, desempenhar o cargo para que foi nomeado á doc... E a prova consiste no seguinte: — da secretaria da Santa Casa da Misericordia sahí uma relação com os nomes dos irmãos eleitos, entre os quaes vinha o meu. Fui, em face d'essa relação, avizado duas vezes pelo sr. Fortunato, servo da Santa Casa; isto no dia da eleição. No dia immediato novamente avisado pelo mesmo servo, a fim de comparecer ás 4 horas da tarde na secretaria da Santa Casa, para conjuntamente com os meus collegas tomar a posse, e á ultima hora, como eu tardasse um pouco, novamente chamado pelo mesmo sr. Fortunato, com muita urgencia, pois que só esperavam pela minha pessoa.

Isto não é prova bastante? Lá vae mais: O sr. Candido José de Carvalho, tanto não foi eleito, que no domingo, ás 10 horas da manhã, declarou á minha porta, na minha presença e de muitos cavalheiros que se achavam presentes, que vinha admirado de lhe ter sido participado n'aquelle momento, na loja do seu barbudo, de que tinha ficado mezarito da Santa Casa, pois que ignorava tal eleição pelo facto de não ter conhecimento particular ou official, apezar da eleição ter logar dois dias antes. E ainda disse mais: que sabia que quem tinha sido eleito era eu, e por isso que era eu quem devia occupar o logar e não elle.

Se o «Commercio», menos verdadeiro n'este assumpto, talvez por mal informado, quizer mais provas, fará o favor de m'as exigir que eu immediatamente lhe provarei, indicando nomes de cavalheiros, — que por dignidade por enquanto oculto, — que me vieram pedir para eu não revelar este incidente com que fui melindrado.

Passamos a outro assumpto: Quanto á acta, estará muito correcta para o «Commercio de Guimarães», para quem a lavrou e para quem a assignou... mas para mim e para aquellos que me elegeram não tem o minimo valor.

E se o «Commercio» quer que o tenha, fortaleza-a com a

**SONETO**

A Trinta e cinco reis custa a pefçada: O trite bacalhão a quatro e meio: A dezefeis vintens corre o centeio: Do verde a trinta reis custa a canáda.

A fêite, e oito toftoens custa a carráda Da tôrta lenha, que do monte veio: Vende as fardinhas o gallêgo feio Cinco ao vintem; e leis pela caláda.

O cujo regatão vai com excêffo, Revendendo as pequenas iguarias, Que da pobreza faô todo o regrêffo.

Tudo está cáro: só em noffos días, Graças ao Cêo! Temos em bom preço Os tramôços, o arrôz, e as Senhorias.

apresentação das listas officiaes e originarias em que eu fui eleito; mas estas listas hão-de ser presentes em numero de quatro, listas que eu exigi no dia da posse e que até hoje não me foram presentes.

Como esta vae longa termino sustentando que não ha mezarios supplentes. O «Commercio» é que interpretou ou leu mal; pois que os taes mezarios supplentes a que allude, na presença do compromisso, são nullos, não existem.

Sustento pois o meu protesto enquanto me não for provado o contrario.

Desculpe, sr. redactor, a massada ao que é

De v... etc.

Guimarães, 8 de julho de 1897.

Agostinho das Neves Guimarães.

**CAVAQUEANDO**

—Bocellencia dá licença?  
—Entre... quem é.  
—Bocellencia passou bem, senhor doitor?

—Obrigado... E você?  
—Muitas graças... louvado Deus bou indo. Eu, senhor doitor, binha tomar um consêlho..  
—Diga lá.

—Como bocellencia foi meu procurador no inventario das partilhas da minha defunta consorte que Deus haja por muitos annos e bós, binha ber...  
—Não me recorde!

—Num é pr'admirar porque ja vae á arguens annos. Eu, senhor doitor, sou o Manuel do Espinheiro...  
—Ah!... já me recorde. Diga lá o que o traz por estas casas.

—Eu, senhor doitor, tenho lá a minha filha Maria que se queria casar. Binha ber se bocellencia, pagando eu tudo, a mancipava e se requeria ao senhor doitor juiz do direito a proctoria para alevantar aquellas vinte moedas que lhe locaram da herdança da mãe, e que estão no banco... por ordem do consêlho.

—Isso agora...  
—Isso agora... o quê? ! Antão ella não se pode mancipar tendo já 19 annos fazidos em dia de S. Torcaide?!

—A emancipação pode requerer-se, mas o dinheiro não.  
—O que me diz... senhor doitor?!

—O dinheiro não se pode requerer sem receber tão cedo, porque o banco falliu, e o respectivo processo d'acção de fallencia já pende seus termos no tribunal commercial...  
—Antão a minha Maria fica sem as vinte moedas e sem os juros de onze annos? !... Nada, não pode ser... o senhor doitor está enganado!

—Ficar sem dinheiro não... Ainda recebe 30 O/O.  
—Lá me queria parecer que o senhor doitor estava enganado! E porque é que o banco dá tantos juros, senhor doitor?!

—Você não me comprehende, homem! Vou-lhe explicar melhor...  
—Diga... diga, senhor doitor.  
—Olhe: o capital de 20 moedas, com os juros de onze annos, como você diz, perfaz a totalidade de 127\$680 reis, que é hoje a importancia da legitima materna de sua filha Maria.

—Ai!... que porção de dinheiro num vae ter a minha cachopa!... Mas... o senhor doitor, não acha pouco dinheiro dando o banco 30 O/O de juros, como bocellencia disse?!

—Venha cá homem: você não me comprehende ainda!...  
—Diga... diga... senhor doitor.  
—Eu não lhe estou a dizer que sua filha venha a receber o capital inteiro que está depositado no banco... nem tão pouco que o banco dá 30 O/O de juros...  
—Qua diz, senhor doitor?!

—E' isto o que lhe digo...  
—Nada... não pode ser... bocellencia está enganado!

—Venha cá homem. Olhe: o banco... só dá 30 O/O; isto é: se der 30 O/O só do capital, a sua filha vem a receber ainda 28\$900 reis; e se der 30 O/O de importancia do capital, já com a accumulção dos juros de 3 O/O vencidos até hoje, então vem a receber mais... recebe 38\$304 reis. Percebeu?

—Eu não percebi nada... senhor doitor! Um raio os partira a todos em como já sinto umas cóleras a trepar por mim arriba... que não sei o que faça com este lôdo que tenho a tremer nas mãos! Eu quero o dinheiro e os juros todos da minha cachopa...  
—Não se afflija, homem de Deus.  
—Eu não me afflijo se me derem o que é da minha Maria... Bou queixar-me ao senhor doitor dos orphos...  
—O senhor doitor curador geral nada lhe pode fazer...  
—Antão bou queixar-me ao senhor juiz do direito.  
—O senhor juiz de direito nada pode fazer...  
—Antão bou queixar-me ao rei.  
—El-Rei nada lhe pode fazer...  
—Antão o rei não manda?!...  
—El-Rei manda... mas n'este caso é só o jury commercial...  
—Pois... senhor doitor, se o senhor doitor dos orphos, o senhor juiz do direito e o rei nada podem fazer, tenho aqui este lôdo que bale por a justiça. Aonde moram esses da herdança da minha filha?  
—Eu sei!...  
—Ah!... você que é doitor to

não o sabe? !... é porque é tão bô como elles...

—Veja lá o que diz!...  
—E' o que lhe digo, seu marôto... Ese me canta muito dou-lhe já duas arqueiradas com este lôdo.

—O' homem... pague me o menos a consulta e vá se embora!  
—Eu só se lhe pagar um diabo... seu cabeça de burro. Bem basta o que você lá teem... Fique com o diabo que eu bou-me embora... e se não quizer vá para as profundas do inferno. Deixai estar meus... «mitranos» que quando você passarem lá pela freguezia hei-de mandar tocar a rebate. Depois... é commigo.

ZAMBÉ.

**COMMERCIO**

**Banco Commercial de Guimarães**

Balancete do Activo e Passivo em 30 de junho de 1897

ACTIVO	
Caixa, dinheiro em cofre	12:233\$105
Fundos fluctuantes	4:970\$000
Acções proprias existentes em carteira antes da promulgação do decreto de 11 de julho de 1894...	53\$000
Letras descontadas e transferencias	69:786\$840
Letras a receber	10:404\$889
Emprestimos e contas correntes com caução...	46:759\$949
Emprestimos com caução das proprias acções...	800\$000
Correspondentes no paiz	40:015\$912
Devedoras geraes	7:644\$716
Letras protestadas e em liquidação	62:145\$991
Emprestimos sobre hypothecas...	31:387\$056
Propriedades arrematadas...	38:883\$416
Effeitos depositados	2:400\$000
Edificio do Banco	10:000\$000
Movels, casa forte e utensilios...	991\$000
<b>PASSIVO</b>	
Capital	146:000\$000
Fundo para liquidacões	89:697\$213
Depositos á ordem	3:323\$725
Depositos a prazo	86:443\$153
Letras a pagar...	100\$000
Dividendos a pagar	523\$000
Credores geraes	3:472\$168
Correspondentes no paiz...	8745
Credores por effeitos depositados	2:400\$000
Lucros e perdas...	4:318\$872
<b>Total</b>	<b>336:682\$873</b>

Guimarães, 30 de junho de 1897.

Os directores,

Joaquim Ferreira dos Santos.

Antonio Marques da Silva Lopes.

**ANNUNCIOS**

**Dinheiro a juros**

Irmandade do Senhor das Chagas, da freguezia de Santa Maria d'Infias, tem a quantia de 460\$000 reis, que dá a modico juro sob hypotheca.

Quem pretender dirija-se ao thesoureiro João José Pinheiro — Infias.

# GRANDE HOTEL DO TOURAL

15--CAMPO DO TOURAL--18--GUIMARÃES

Proprietario : Domingos José Pires

ESTE hotel é o melhor e mais bem situado n'esta cidade. O seu proprietario garante excellentes commodos e promptifica-se a fornecer jantares, «lunches», e serviços para «soirée». Preços diarios de cada hospede : 1:000, 1:200 e 1:500 reis. Serviço de mesa redonda : almoço 400 e jantar 600 reis. Alem d'esta commodidade tem um bom serviço de restaurante e excellente salão de recreio com bilhar.

TYPOGRAPHIA  
— DO —  
VIMARANENSE

N'esta officina encarregam-se de qualquer trabalho typographico garantindo-se a perfeição, e por modicos preços.

**XAROPE e PASTA**  
de Seiva de Pinheiro Marítimo  
de LAGASSE, Ph<sup>m</sup> em Bordeaux  
Aprovada pela Junta de Hygiene do Rio-de-Janeiro.

Popular ha 30 annos, é o unico preparado com a verdadeira Seiva de Pinheiro, extrahida pelo vapor d'agua, logo-depois de cortada a arvore. Cura os defluxos rebeldes, a tosse, as gripes, catarrhos, bronchites, molestias da garganta e rouquidões.  
Em PARIS, S. Rue Vivienne, e nas principaes Pharmacias.

ULTIMA NOVIDADE LITTERARIA  
A patria e João de Deus  
(A' MEMORIA DO GRANDE MESTRE)

Livro dedicado ás academias do paiz, e em especial ás de Lisboa, Porto e Coimbra

Collaborado pelos principaes escriptores portuguezes sob a direcção litteraria de Leopoldo Meira.

Manual do recebedor do concelho ou bairro  
POR  
Abilio de Magalhães Brandão

Recebedor e Thesoureiro Municipal do concelho de Paços de Ferreira e vogal da commissão regional de aquicultura de Santo Thyrso.

## Cura infallivel

Das bronchites, laringites e outras doencas dos orgãos respiratorios, com as

### AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS

Hiposalinas, sulphatadas, sodicas, carbonatadas (alcalinas) e chloretadas, segundo a analyse do eminente chimico sr.

DR. FERREIRA DA SILVA

Depositos geraes : Barbosa & Irmão, rua de Passos Manoel, n.º 233 e 235—Porto.  
Francisco Antonio Alves Mendes, Praça de D. Affonso Henriques—Guimarães.  
Preço 100 reis (incluindo a garrafa).

Premiado com as medalhas de ouro nas Exposições Industrial de Lisboa e Universal de Paris

AGOSTINHO DE MACEDO

## OS BURROS

A' venda na livraria—Cruz Coutinho—Editora: Rua dos Caldeiros, 18 e 20.

Guimarães, Typ. do "Vimaranense".

EDITOR G. A. S. GUIMARÃES  
Rua das Lamellas, 45, 47 e 49

## Jornal de Viagens

E AVENTURAS DE TERRA E MAR

Annaes Geographicos de Portugal

Preço da assignatura : Trimestre, 780 reis; provincias, 800 reis pagamento adiantado.  
Toda a correspondencia deve ser dirigida a Deolindo de Castro, rua das Taipas, n.º 29, ou á Typographia Occidental, rua da Fabrica, PORTO.

PRIVILEGIO EXCLUSIVO

CONTRA A TOSSSE

DOENÇAS DE PEITO

## XAROPE PEITORAL JAMES

UNICO APPROVADO E LEGALMENTE AUTORIZADO PELO CONSELHO DE SAUDE PUBLICA DE PORTUGAL

Preparado por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei e Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industriaes, premiado, etc.

A efficacia d'esto xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitaes e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'aquelle paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a approval (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a considerá-lo um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosses rebeldes, tosse convulsa e astmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte trázada do envoltorio esta minha assignatura

P. A. Franco

PRIVILEGIO EXCLUSIVO

CONTRA A DEBILIDADE

DOENÇAS DE PEITO

## FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORIZADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei e Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industriaes, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellente e agradável alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estorago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tonica reconstituinte é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estu angeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.